**APROXIMAÇÕES**

Segundo Georges Didi-Huberman, em seu *La Peinture Incarnée*, a pintura *pensa*. Tal afirmação poderia levar-nos a indagações sobre as demais práticas estéticas. Também elas não seriam *pensantes*? Neste caso, Huberman refere-se, especificamente, à estrutura interna da pintura e suas reverberações espaço-temporais.

Podemos localizar, grosso modo, quatro variáveis nas práticas pictóricas contemporâneas: 1. obras, predominantemente, conceituais que refletem sobre a pintura a partir das suas convenções históricas, ou seja, a partir do *conceito de pintura,* os artistas desenvolvem uma *pintura que é conceito* (por exemplo, os *Bólides* de Oiticica); 2. obras caracterizadas pela sua afirmação pictural, em que se explora, enfaticamente, sua condição de planaridade a partir de uma estética minimalista (por exemplo, as pinturas de Jo Baer); 3. obras que revivificam a figuração ou a abstração a partir das técnicas tradicionais da pintura (por exemplo, as pinturas de Varejão ou Milhazes); 4. obras que exploram novos meios técnicos e espaciais, mas que possuem questões pictóricas (por exemplo, as intervenções de luz e cor de James Turrell ou Robert Irwin). Em todos os casos localizamos, sempre, uma reflexão sobre o que a pintura *é.* De tantas e variadas formas de desenvolvimentos de pesquisas estéticas no âmbito das artes visuais, talvez a disciplina pintura seja aquela que mais dedica seu tempo a refletir sobre si mesma a partir de uma abordagem crítico-reflexiva da sua estrutura interna, das suas tensões e das suas distensões.

*Aproximaçãoes* reúne os pintores atuantes no Rio de Janeiro, Carolina Martinez, Daniel Lannes, Geraldo Marcolini, Rafael Alonso e René Machado; e, em Belo Horizonte, Alan Fontes, Daniel Bilac, Leonora Weissmann, Manuel de Carvalho e Rafael Zavagli. Em comum, o fato de enfrentarem a pintura a partir de suas pesquisas individuais. Em todos os casos, e de forma diferenciada, vemos a pintura explicitar a sua estrutura interna através de um *modus operandi* (a técnica) potencializado. A imagem e seus possíveis conteúdos não se sobrepõem à *arquitetura da pintura*, senão, ambas, processam-se pela simultaneidade. De acordo com Patrick Vauday, independentemente do seu caráter materialista ou representativo, a pintura é, antes de tudo, uma dinâmica que possibilita a percepção da *figura na pintura* e da *pintura na figura*, isto é, o *entre-dois* da estrutura da pintura e de suas figuras que constituem um *vai-e-vem* do olhar na superfície pictórica. Este movimento oscilatório de uma dupla travessia, da superfície em direção à profundidade e o seu retorno, configura aquilo que Didi-Huberman denomina de *um-dentro-do-outro*. Deste modo, a pintura deve ser entendida como uma dinâmica, como uma estrutura da dobra.

A pluralidade de meios e técnicas nesta exposição revela o quão amplas são as investigações sobre a pintura na contemporaneidade. Contudo, suas diferenças não superam aquilo que possuem em comum: o seu viés *conceitual*. De acordo com Joseph Kosuth, toda arte depois de Duchamp é por natureza conceitual, visto que a arte *“só existe conceitualmente”*. O exercício da pintura a partir de um pensamento conceitual legitima seu *modus operandi* fundado numa estrutura processual, em que a experiência constitui-se como dado fundamental para a realização da obra.

*Aproximações* evoca acercamentos ou avizinhamentos. Traz inerente a idéia de espaço, sempre presente nas artes visuais e, especialmente, no âmbito da pintura. A história da pintura revela a sua intimidade com os mais variados conceitos de espacialidade surgidos ao longo dos séculos. Não podemos ignorar o fato de que a pintura vem testando seus limites espaciais de forma crítica desde o início do século XX (Malevich, Mondrian etc), nos seus meados (Rauschenberg, Johns etc) e, especialmente a partir dos anos sessenta, quando vários pintores colocaram o *espaço*-*suporte* em discussão (Keith Sonnier, Giulio Paolini etc).

Nesta exposição constatamos a, ainda urgente, necessidade de reflexão sobre a estrutura espacial da pintura. Ela é planaridade (pele) ou objeto pictural (corpo)? Ela precisa de um suporte (espécie de prótese) ou sustenta-se na sua *espessura*? Seu espaço é ordem (geometria) ou tensão (entropia)? Em que medida a representação (imagem do mundo reconhecível) e a abstração (concreções imagéticas) potencializam nosso entendimento do espaço hoje? E as suas temporalidades diversas, apropriações históricas, citações? Em que medida tais pluralidades se reconstroem de forma a atender a nossa visualidade contemporânea?

*Aproximações* reúne obras, de inegável qualidade estética, de dez pintores contemporâneos que expõem, a partir das suas mais variadas experiências, as possibilidades do *fazer pintura* hoje.

­­­­Zalinda Cartaxo